

Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico Na População Pediátrica No Brasil: Um Recorte De 2013 A 2023 Sobre A Hanseníase

Autores: MANOELA GUIMARÃES GALEAZZI PAZ (UNISUL - PEDRA BRANCA), RÚBIA CAROLINE PAZ ROSENO DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA), GABRIEL VINÍCIUS MARTINS DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA), MARIÁ LESSA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA), ISABELA FLEBBE STRAPAZZON (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Resumo: A hanseníase é um desafio significativo de saúde pública. O Brasil é o país com maior incidência na América Latina e, junto com Índia e Indonésia, concentra a maioria dos casos globais¹. A Estratégia Global para Hanseníase 2021-2030, promovida pela OMS, busca eliminar a hanseníase por meio da interrupção da transmissão, prevenção de incapacidades e combate ao estigma². Conhecer sua epidemiologia é crucial para implementar estratégias eficazes de controle. Objetivava-se com o presente trabalho descrever o perfil epidemiológico da hanseníase na população pediátrica do Brasil no período de 2013 a 2023. Estudo epidemiológico descritivo incluindo variáveis de diagnóstico segundo faixa etária, sexo, etnia, região e estado de residência para a faixa etária de 0-14 anos, utilizando dados do Sistema de Informações de Agravos e Notificação (SINAN) na plataforma do DATASUS³. As notificações investigadas foram do Brasil, no período de 2013 a 2023. A partir do quantitativo das notificações, foi realizada estatística descritiva. No Brasil, foram detectados 16.115 novos casos de hanseníase na faixa etária de 0 a 14 anos. A distribuição etária mostrou maior prevalência entre 10 a 14 anos 66,2% (n=10.663), seguido por 5 a 9 anos 30,2% (n=4.876), 1 a 4 anos 3,6% (n=574) e menores de um ano 0,01% (n=2). A média anual de diagnósticos foi de 1.611 casos. Entre 2020 e 2023, a média foi inferior, de 814 casos/ano. Em 2014 foi registrado o maior número de diagnósticos (n=2.685) e 2023 o menor (n=262). A distribuição por sexo revelou uma predominância masculina, com 52,3% (n=8.417) em comparação ao feminino, com 47,7% (n=7.698). Em relação à etnia, 67,8% dos casos eram pardos, seguidos por brancos 15,6%, pretos 11,3%, amarelos 0,9% e indígenas 0,6%. Regionalmente, a maior parte dos diagnósticos ocorreu no Nordeste 48,8%, seguido pelo Norte 25,9%, Centro-Oeste 15,4%, Sudeste 8,8% e Sul 0,9%. Em termos estaduais, o Maranhão registrou o maior número de casos (n=2.890), enquanto Santa Catarina teve o menor (n=40). Em 2023, Rondônia e Amapá não registraram casos e houve uma redução geral no número de casos em todos os estados. A redução da média anual nos últimos quatro anos reflete o impacto da pandemia de COVID-19 na vigilância em saúde e na busca ativa de casos. A distribuição por sexo mostrou predominância masculina, alinhando-se com as estatísticas globais da doença. Em termos de etnia, 67,8% dos casos eram pardos e, regionalmente, 74,7% dos diagnósticos ocorreram nas regiões Nordeste 48,8% e Norte 25,9%, destacando a desproporcionalidade da hanseníase em populações vulneráveis. A falta de registros em Rondônia e Amapá em 2023 e a redução geral dos casos reforçam a hipótese de subnotificação pós-pandemia. Esses dados sublinham a necessidade de intensificar a vigilância, o diagnóstico precoce e o tratamento da hanseníase, especialmente nas regiões mais afetadas e vulneráveis.